3

Apresentação e Análise das Entrevistas

Neste capítulo são apresentadas e comentadas as entrevistas realizadas com cinco docentes do Departamento de Ciências Econômicas da UFRRJ e com um economista que neste estudo representou o CORECON-RJ, através das quais procurou-se esclarecer como é vista a possibilidade de transformação curricular do curso de graduação em Ciências Econômicas, conforme pretendida pelo CORECON-RJ.

O capítulo compreende quatro seções. Na primeira, justifica-se a escolha dos entrevistados através dos aspectos destacados de suas carreiras profissionais. Como se poderá verificar, em todos os casos foi seguida a orientação de Zago et al. (2003) relativa aos cuidados a serem tomados para uma boa escolha dos sujeitos que participam da pesquisa. O contato do pesquisador com os professores da UFRRJ possibilitou conhecer e comparar os pontos de vista desses profissionais em Economia sobre a importância da Monografia como trabalho de final de curso. Quanto ao economista que neste estudo representou o CORECON-RJ, o objetivo e importância de suas considerações são valiosos no sentido de que ele representa a instituição proponente das transformações curriculares e possui o embasamento teórico-profissional para ilustrar os efeitos dessas mudanças na formação do profissional de Economia do Rio de Janeiro.

A segunda seção relaciona as questões que compuseram o roteiro das entrevistas semi-estruturadas, explicando os motivos por que foram elaboradas. Foram dois os roteiros construídos: o das entrevistas com os cinco docentes da UFRRJ e o da entrevista com o economista que neste estudo representou o CORECON-RJ.

Na terceira seção são apresentados trechos das entrevistas realizadas com os cinco docentes da UFRRJ, discutidos a partir de áreas temáticas especificadas na seção anterior, em que foram descritas as questões que compõem o roteiro das entrevistas.

Finalizando o capítulo, a quarta seção apresenta e discute trechos da entrevista realizadas com o economista que neste estudo representou o CORECON-RJ.

3.1 Os Sujeitos da Pesquisa

Os cinco professores do Departamento de Ciências Econômicas da UFRRJ apresentam os seguintes perfis, que se adequam aos interesses e objetivos desta pesquisa:

- Prof. C. é o professor com maior titulação do Departamento (por mais tempo, pois um segundo professor, também entrevistado, conseguiu a mesma titulação) que regressou agora de seu Pós-Doutorado em Portugal e trabalha há muitos anos na Instituição, com a disciplina Técnicas de Pesquisa em Economia, além de ter orientado várias disciplinas ao longo de sua carreira acadêmica. Foi também consultor do MEC, integrando o grupo responsável pela visita da comissão do MEC às diferentes instituições de ensino superior em economia no País durante o período de realização do Provão.
- Prof. A. é uma professora que foi responsável pela coordenação da equipe de revisão do currículo de Ciências Econômicas na Instituição, formada com o objetivo de tornar o currículo da UFRRJ mais compatível com as necessidades do mercado, frente aos desafios da contemporaneidade, e propôs alterações no mesmo. No entanto, as alterações propostas não foram implementadas até a data de apresentação deste trabalho.
- Prof. V. é o coordenador do Curso de Ciências Econômicas da UFRRJ, o que nos permitirá apontar o atual momento histórico para esta discussão e para diferenças de perspectivas sobre o curso de Ciências Econômicas na UFRRJ.
- Prof. E é o professor mais antigo do Departamento. Com sua experiência, acompanha as atividades do Departamento de Ciências Econômicas desde seu início. Como militar da Marinha do Brasil reformado, ocupou-se de diversas cadeiras do Curso, como Economia

Brasileira, Programação e Políticas Econômicas e Economia Regional e Urbana.

- O Prof. J. é o docente que mais tem orientado monografias na Instituição, segundo os dados disponibilizados no *site* do Departamento de Ciências Econômicas da UFRRJ, durante o período que vai década de 1990 até 2003. Recentemente completou o curso de pós-doutorado no Canadá, voltando a desenvolver suas atividades acadêmicas na Instituição.

Quanto ao economista Rafael Vieira, é também docente, especialista em Análise Internacional/Conjuntura IE-UFRJ, diretor de Assuntos Institucionais do SINDECON/RJ, membro da Comissão de Relações com Instituições Acadêmicas/CORECON-RJ 1^a Região. Além de ser o atual presidente do SINDICON-RJ¹⁸, é o representante da Instituição para as parcerias com as instituições de ensino superior, o que fortalece o caráter do órgão conselheiro voltado para o ensino e para a formação acadêmica de seus profissionais. Isso o torna altamente credenciado para falar a respeito desse assunto em toda sua problemática, na medida em que essa discussão vai alcançando centralidade nas prioridades do CORECON-RJ e nas discussões sobre o ensino de Ciências Econômicas.

---

¹⁸ Sindicato dos Economistas do Rio de Janeiro.

3.2 Os roteiros das entrevistas semi-estruturadas

3.2.1 Docentes da UFRRJ

As entrevistas com os cinco docentes da UFRRJ foram baseadas em sete questões sendo que a última foi denominada “considerações finais”, para que o entrevistado pudesse complementar alguma idéia citada anteriormente ou discorrer sobre um fato ou temática que julgasse relevante e que não tivesse sido contemplado durante as perguntas.

Dentro desta perspectiva, as questões se dividiram em três grupos, com objetivos complementares:

No primeiro grupo, três perguntas se referem diretamente à temática da Monografia: como é entendida e lecionada pelos docentes, qual a formação específica que é dada ao profissional de Economia na UFRRJ e o papel da Monografia nessa contextualização. São elas:

1. *Qual a importância e o papel da disciplina Monografia para Economistas na formação do profissional em Economia?*
2. *Que tipo de profissional a UFRRJ quer formar? Qual a sua opinião, pela sua experiência, sobre o tipo de profissional que está sendo formado na Universidade?*
3. *Qual o papel da Monografia neste Curso?*

A quarta pergunta encerra em si um segundo grupo específico, pois se refere à descrição que os docentes fazem das práticas dos estudantes de Ciências Econômicas em sua fase de conclusão de curso:

4. *E, dentro desse contexto, quais as dificuldades que os alunos mais encontram para levar a cabo a monografia?*

As duas perguntas posteriores seguem na direção da formação do economista enquanto profissional. A questão cinco busca perceber a dicotomia

entre a ênfase dada à matematização e ao aspecto quantitativista, e à formação mais histórico-crítica da profissão, o que formulamos da seguinte maneira:

5. *Agora, dentre os assuntos que você comentou, gostaria que falasse um pouco sobre a dualidade na formação do economista, a questão de ser técnico e crítico, e a questão da visão quantitativa e qualitativa na Economia.*

E, para finalizar roteiro da entrevista semi-estruturada, a questão seis busca vislumbrar uma perspectiva de futuro, as alternativas que os docentes propõem para a modificação da disciplina ou para sua continuidade, o que seria a afirmação de uma postura mais conservadora. Procuramos colocar a questão desse modo:

6. *Quais as alternativas de atuação de professores, ou que transformações você visualiza ou intui para a disciplina Monografia, como ela é lecionada hoje. Você acha que ela ainda permanece válida, ou proporia alternativas?*

As “Considerações finais”, conforme afirmado anteriormente ficaram como um complemento para o entrevistado fazer alguma consideração ou expor algo que, ou não foi contemplado pelas perguntas, ou que gostaria de acrescentar para o enriquecimento de sua resposta.

Seguindo essa disposição, classificamos os grupos de perguntas que descrevemos anteriormente em três áreas temáticas a saber:

- 1) O ensino de Ciências Econômicas na UFRRJ e a Monografia como atividade de conclusão de curso;
- 2) A experiência da disciplina Monografia para Economistas entre os graduandos em Ciências Econômicas, a partir das perspectivas dos docentes;
- 3) A formação do profissional em Economia na atualidade, as alternativas e as propostas para a disciplina Monografia em sua fase presente.

A partir dos eixos temáticos descritos acima, foram realizadas as entrevistas, dando-se maior ênfase aos aspectos que consideramos mais significativos para a nossa discussão. A análise das falas dos docentes, por sua vez, teve como foco organizador as categorias utilizadas tanto na formulação das perguntas como as que “emergiram” das entrevistas, a partir do seu grau de importância para a nossa pesquisa.

3.2.2 Economista do CORECON-RJ

Embora a entrevista com o economista Rafael Vieira tenha sido estruturada a partir de quatro perguntas apenas, elas cobrem as especificidades que esta pesquisa priorizou ao buscar maiores esclarecimentos junto ao órgão em questão. As entrevistas anteriores, realizadas com professores do Curso de Graduação em Ciências Econômicas da UFRRJ tiveram o objetivo buscar, a partir da experiência docente, perspectivas sobre as transformações curriculares e a formação do economista. Já com o representante do CORECON-RJ procurou-se obter informações mais específicas sobre o que o Conselho pretende com sua proposta para a formação do economista.

A entrevista foi realizada a partir das seguintes questões:

- 1) *Para iniciar o debate, coloco a questão “monografia e estágio na atualidade”, na perspectiva do CORECON-RJ.*
- 2) *Poderia dissertar um pouco sobre o perfil do economista no Rio de Janeiro na atualidade, aproveitando suas considerações feitas há pouco sobre o que é importante para a formação do economista?*
- 3) *Continuando o assunto da formação profissional, qual o tipo de monografia que tem sido valorizada pelos prêmios concedidos pelo Conselho? Como você afirmou, existe a necessidade do profissional em economia se “adequar” ao mercado. Isso acontece com as monografias, na escolha de temas e na formação profissional?*

- 4) *Finalmente, estamos abrindo espaço para suas considerações finais, para que você faça uma explanação sobre algo que julgue relevante e que não foi contemplado nas perguntas, ou outra consideração que queira fazer quanto a esse tema.*

Na primeira questão, busca-se contextualizar a discussão a partir da visão que o CORECON-RJ possui sobre a Monografia e o Estágio. E a palavra “atualidade” é de fundamental importância, pois nos permite estabelecer uma relação entre o contexto histórico atual e as propostas de transformações curriculares. Como vimos no Capítulo 2, na década de 1930 o cenário nacional exigia que os profissionais tivessem uma formação de caráter mais técnico, mais voltado para as atividades do mercado, como finanças e consultorias industriais, dado o momento histórico.

A partir de 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial, a ênfase foi colocada na questão do subdesenvolvimento e no fortalecimento do modelo keynesiano para a formação do economista. Um exemplo mais recente é a ênfase no estudo da inflação durante a década de 1980, quando o país atravessava essa dificuldade no cenário macroeconômico.

Sendo dessa forma, o contexto profissional e histórico mantém uma relação de interdependência com a formação profissional e o mercado de trabalho. O CORECON-RJ é um órgão que congrega e defende os economistas nele registrados não com a perspectiva de uma instituição de ensino, e sim com a de profissionais já formados e exercendo sua atividade profissional. Foi a partir dessas relações que a primeira pergunta dirigida ao representante do CORECON-RJ, em que medida o estágio ou a monografia contribuiriam para enriquecer e qualificar esse profissional, tendo em vista as demandas da sociedade em que o mesmo está inserido.

A segunda questão da entrevista semi-estruturada é uma consequência natural dessa linha de argumentação, pois, como órgãos reguladores do exercício da profissão de economista, os Conselhos de Economia são as instituições mais habilitadas a fornecer um elenco de características profissionais em atuação no mercado de trabalho. A pesquisa que citamos anteriormente, *Perfil dos Economistas* (ANEXO XIII), realizada pelo COFECON em parceria com CORECON's

regionais, é a maior e mais ampla pesquisa do gênero realizada no País. No entanto, foi feita em 1996 (dois anos depois do Plano Real), uma década se passou, e nesse período algumas mudanças na economia brasileira podem ser levadas em consideração (por exemplo, a própria manutenção do Plano Real, bem como um período sem “ataques especulativos”¹⁹ no setor financeiro de nossa economia).

Na terceira questão é focado o interesse do CORECON-RJ em ver na monografia um instrumento válido de formação profissional sendo o maior indicativo disso o prêmio para monografias concedido anualmente pelo Conselho. É essa tensão entre monografias, interesse pelos temas escolhidos e mercado de trabalho que pode fornecer valiosos elementos empíricos para a análise a que nos propusemos nesta pesquisa.

E, concluindo, como foi feito nas entrevistas com os docentes, permitiu-se ao entrevistado dissertar sobre pontos que não foram contemplados e, dessa forma, complementar sua exposição. No caso em questão, o economista Rafael Vieira fez uma lúcida descrição do mercado de trabalho para economistas na atualidade, no Rio de Janeiro, apontando elementos que influem na formação profissional do economista, bem como na agenda de prioridades do Conselho quanto a essa questão.

---

¹⁹ O “ataque especulativo” é um fenômeno que acontece na área financeira da economia globalizada principalmente nos países periféricos e subdesenvolvidos. Tais países, como o Brasil, elevam suas taxas de juros a níveis muito acima do que o mercado financeiro geralmente expõe, com o intuito de atrair investimentos estrangeiros para o país na forma de divisas (moeda internacionalmente aceita, no nosso caso o dólar) o que fortalece a economia. Mas o que acontece é que são investimentos de curto prazo e considerados “voláteis” pois os investidores podem retirar seus investimentos feitos no País em questão de horas, se determinados “boatos” sugerirem mudanças nas mesmas taxas de juros. Isso se baseia no que em economia se chama de expectativas racionais dos agentes, e após a década de 90, principalmente 1994, não houve na economia nacional ou internacional qualquer fenômeno semelhante, garantindo a estabilidade da economia nacional, mas com o agravante de inibir o crescimento econômico dada a essas mesmas taxas de juros extremamente elevadas, o que também acarreta o aumento do desemprego com a diminuição dos postos de trabalho.

3.3

Análise das entrevistas com os docentes da UFRRJ

Nesta seção serão apresentados os trechos das entrevistas dos docentes da UFRRJ considerados mais relevantes para a discussão tanto do ensino de Ciências Econômicas como da formação profissional do economista. A extensão dos recortes das falas dos entrevistados visou deixar mais evidente o desenvolvimento de seus pensamentos. Em vez de extrairmos apenas frases ou parágrafos considerados “estanques” por serem retirados de seus respectivos contextos, tivemos o cuidado de apresentar as respostas e os posicionamentos teóricos da maneira mais contextualizada e completa possível.

3.3.1

Importância e papel da disciplina Monografia na formação do profissional em Economia

Iniciamos a parte relativa à análise das entrevistas com as respostas ao primeiro grupo de questões propostas no roteiro de entrevista, voltadas especificamente para a perspectiva dos docentes da UFRRJ quanto à disciplina Monografia enquanto atividade de conclusão do Curso de Graduação em Ciências Econômicas. Vejamos os trechos selecionados:

Prof. C:

“O papel dessa disciplina de método de pesquisa, ou de monografia? De monografia mesmo, é. É para dar basicamente todo o suporte, não é? Desde a parte que a gente chama de “corte e costura” das regras, e tal de alguns pormenores. Até uma coisa que eu acho fantástica, que tem na graduação e em algumas graduações, que é o estudante exercitar sua iniciativa para fazer um trabalho sabendo o que é formular uma questão, ter um objetivo, não é? Fazer um trabalho com princípio, meio e fim, respaldado numa literatura. Ou então, é para exercitar sua iniciativa e sua entrada no mundo acadêmico, científico e tal... Esse é o fundamental.”

Prof. A:

“Eu acho que a monografia como... não é bem uma disciplina, é um trabalho de conclusão de curso, que o aluno de economia tem que fazer, no final de seu curso... Na verdade é uma tentativa de fazer com que o aluno consiga fazer uma pesquisa... Escolher um tema, formular um problema... e desenvolver essa pesquisa. Então, acho que... quando ela é bem conduzida, a monografia, orientada realmente... feita em tempo hábil, porque geralmente os alunos não fazem, deixam para fazer muito em cima da hora... ela ajuda muito na formação do aluno, porque é o primeiro grande esforço, acho que o único esforço que o aluno tem, se ele não fez nenhuma pesquisa, no CNPq ou alguma coisa nesse sentido... Então, se ele não fez isso, seria... O primeiro grande esforço que ele teria para... pesquisar alguma coisa, para desenvolver algum tema, para mostrar a sua capacidade de análise e de trabalho em relação a um tema da economia. Isso eu acho importante”.

Prof. V:

“Olha, eu entendo que é muito importante a monografia, porque é onde você vai desenvolver suas idéias, vai apresentar um texto, vai apresentar uma hipótese de trabalho... vai aprender a lidar com os dados de maneira mais consistente... você vai treinar, aprender um trabalho seu. Vamos dizer que na vida profissional você precise apresentar um relatório? Você já aprendeu a expressar suas idéias, colocar seu pensamento, como escrever, aprender a citar também... e atualiza também os conhecimentos, porque na monografia também é obrigado a ler revistas, é obrigado a ler livros mais recentes... Então, considero de vital importância a monografia na formação dos economistas, e acho relevante que se mantenha sempre a idéia de monografia no final de curso”.

Prof. E:

“A proposta de uma monografia é exatamente iniciar um processo de aplicabilidade do curso, o que aprendeu no curso, no sentido aplicativo para a vida profissional. Na realidade, é o primeiro lance de criatividade oficial que o aluno em economia formando está apresentando para efeito de sua apresentação e desenvolvimento... no mundo profissional. Evidente que ele tem que definir... o tema, tem que definir o assunto específico e, evidentemente, realizar uma pesquisa. Então, ele estará aplicando toda noção de pesquisa que o economista precisa para desenvolver qualquer projeto...”

Prof. J:

“Bem, a monografia... ela foi introduzida após 84, começando em 85, naquele famoso parecer lá do Conselho Federal de Educação, e eu próprio, quando me formei, entrei na faculdade em 82 e não tive que fazer monografia, porque isso só atingiu as turmas que entraram a partir de 85. Foi um movimento muito grande, a inclusão da monografia como uma atividade curricular alternativa ao estágio, que foi sempre algo que existiu. Bem, passados, portanto, vinte anos, temos aí uma amostra bastante grande sobre a monografia, e eu acho que a

gente pode reduzir o escopo da pergunta e da resposta para sua pergunta ao seguinte: existem instituições que têm capacidade de gerar um trabalho de qualidade, uma monografia de qualidade, seja pelos seus professores, seja pelo acesso fácil à biblioteca, seja pelas condições de vida dos alunos... Então, acho que a monografia é um trabalho de conclusão, não é o único, não é a única possibilidade, é válido... Agora: acho que ela deve ser contextualizada em função da realidade da região, do curso de economia, da inserção daquele curso de economia... Então, acho que faltou um pouco levar isso em consideração...”

Como se vê, a importância da Monografia é algo unânime na concepção dos docentes do Departamento de Ciências Econômicas da UFRRJ. Os três primeiros entrevistados procuraram enfatizar que a iniciativa para a pesquisa e a autonomia do pensar científico seriam as principais características proporcionadas pela preparação da monografia, nesse sentido torna-se oportuno destacar o que diz o documento que orienta essa prática pedagógica: as “Normas para elaboração, orientação, apresentação da monografia de conclusão do Curso de Ciências Econômicas da UFRRJ” (ANEXO XI, já mencionado anteriormente), a definição:

Monografia é um trabalho de conclusão de curso e corresponde à elaboração de um texto científico, resultado da pesquisa individual realizada pelo aluno sobre um tema específico, diretamente ou indiretamente relacionado ao campo da economia. É um treinamento do estudante para o exercício de sua futura atividade profissional, que seja o reflexo da capacidade de organização das idéias, com um desenvolvimento lógico que demonstre o domínio do instrumental teórico adotado e com um grau de profundidade compatível com a graduação. A escolha do tema e do enfoque é totalmente livre, dentro da orientação pluralista definida pelo Curso de Ciências Econômicas da UFRRJ, deverá atender as exigências de um trabalho qualificado de natureza científica e apresentado dentro das normas de um estudo acadêmico. (p.1)

Além de ver a Monografia como resumo sintético que orienta a percepção e a aplicação dos princípios mais basilares da disciplina, como a iniciação à pesquisa e a reta utilização dos conhecimentos adquiridos na graduação, o trecho acima aponta que o tema escolhido pode ser direta ou indiretamente ligado ao campo das Economia, indicando que essa interconexão entre as Ciências Econômicas e as outras ciências sociais não é algo novo ou incomum.

Uma importante tendência apontada pelos documentos é que a monografia possui a característica de desenvolver o pensamento crítico e reflexivo. Na visão dos entrevistados, é sempre preciso contextualizar a formação profissional a partir da escolha de temas e do uso de metodologias que reflitam o aprendizado adquirido durante o curso de graduação.

Se é importante a capacidade crítica, tanto para o desempenho da profissão como para o questionamento da prática da mesma, qual o perfil de profissional que está sendo formado na UFRRJ? Sabe-se que é um curso de Ciências Econômicas de nível superior, mas qual a visão que os profissionais em Economia aqui entrevistados, desempenham a docência nesse Curso, possuem sobre os aspectos e conhecimentos realmente importantes que seus alunos devam aprender? Que conteúdos priorizar?

É evidente que uma diferença de enfoque em relação aos conteúdos do Curso, a partir da visão do que cada professor considera importante, influi na formação do economista.

Em sua resposta, o Prof. V. não enfatiza puramente o aspecto científico de pesquisa, mas vai além, ao destacar que em sua carreira e futura atividade profissional será necessário, para o futuro economista, escrever projetos e relatórios. E são essas competências, necessárias ao economista, que foram, de certa forma, trabalhadas no desenvolvimento da monografia.

Esse pensamento é também destacado por Antônio Carlos Gil (1994) ao discorrer sobre a natureza da pesquisa social, afirmando que sua dimensão teórica e acadêmica não exclui, mas, pelo contrário, também serve como forma de desenvolver atribuições e habilidades que servirão ao graduando em sua futura atividade profissional:

A pesquisa social visa fornecer respostas tanto a problemas determinados por interesse intelectual, quanto por interesse prático. Interessa, pois, na formulação do problema determinar qual sua relevância em termos científicos e práticos.

Um dos problemas será relevante em termos científicos à medida que conduzir à obtenção de novos conhecimentos. Para se assegurar disso, o pesquisador necessita fazer um levantamento bibliográfico da área, entrando em contato com as pesquisas já realizadas, verificando quais os problemas não foram pesquisados, quais os que não foram adequadamente e quais os que vêm recebendo respostas contraditórias [...] (p.54)

Quanto à importância atribuída à Monografia, é correto afirmar que os professores concordam que se trata de algo fundamental, pois permite ao estudante de Ciências Econômicas desenvolver um tema de maneira própria.

Chama a atenção nas respostas é a ênfase colocada na iniciação ao pensamento científico. Na pela definição de Antônio Carlos Gil (1994), a atividade científica e de pesquisa já exige por si mesma uma atitude com

procedimentos singulares de ação e propósitos concentrados numa única direção para sua realização.

No trecho citado do Prof. C., que atuou como consultor do MEC na avaliação dos cursos superiores em Ciências Econômicas no Brasil, destacamos a importância atribuída ao desenvolvimento do pensamento reflexivo e autônomo, que deve orientar o futuro profissional desde as primeiras etapas como a escolha do tema e a pesquisa por dados. O próprio termo utilizado, “corte e costura”, já significa uma atividade de construção e reconstrução, escrita e reescrita do texto de uma pesquisa, ou seja, conhecer na prática o desenvolvimento de como é a estruturação de um trabalho científico.

Uma importante observação feita pelo Prof. J., ao apresentar sua descrição do que seria a Monografia, já aponta para um caminho alternativo no que diz respeito à conclusão do curso de Ciências Econômicas, e isso será aprofundado nos outros tópicos deste mesmo capítulo. Segundo esse professor, a conclusão do Curso não significaria, necessariamente, concluir uma monografia. Embora válida ela poderia perfeitamente ser substituída por uma outra atividade equivalente.

3.3.2

As dificuldades encontradas pelos alunos para concluir a Monografia

Na análise dessa categoria, duas perspectivas nos ajudam a aprofundar mais o tema:

- 1) A dinâmica do ensino da Monografia na UFRRJ;
- 2) A partir da descrição dessas dificuldades, pode-se fazer inferências sobre alguns elementos fundamentais que estão sendo levados em consideração para a ação do CORECON-RJ em estabelecer as transformações curriculares;

Prof. C:

“Bom, a primeira delas eu acho que eles encontram neles mesmos, é de ordem subjetiva, tem a ver com não acreditar em si, com não acreditar na monografia. Até detecto em alguns uma coisa interessante, que tem a ver com esse clima de um certo ‘vale-tudo’, de uma certa impunidade, que... Curioso, de uns anos pra cá eu venho detectando isso...Claro que é uma minoria... Mas uma parte dos alunos

não faz esforço nenhum e espera por uma coisa mágica, um grande golpe, uma grande jogada que vai resolver o seu problema, não é? Então, o maior problema está no próprio aluno, não é? A falta de pique, a falta de hábito de ler... O grande lance da vida, não é, eu acho que é o desejo. A pessoa tem que estar motivada por alguma coisa, o cara pode querer estudar a vida das aranhas... ou viu um filme quando era garoto, Moby Dick (aí, baleia não, que baleia está em extinção) [rindo]... ou quer estudar a pesca do salmão na Noruega... Se ele tiver isso como motivação, isso vai levar ele para outras questões de economia, não é? Então, o que falta é isso: motivação. É o desejo... não é, tudo muito esvaziado, muito abúlico. O desejo, claro, o desejo para alguma coisa tem, por exemplo, coisa de... ir pra uma micareta ... é micareta que se fala? Isso eles falam... micareta, uma roupa, uma festa... Mas assim, uma coisa mais elaborada, não! Uma coisa mais elaborada está ficando difícil... Então, agora... Não é a maioria assim... agora, dos que têm motivação ou que vão tendo, que a gente puxa de todo lado, alguns professores têm esse papel, que se percebe a dificuldade. Eu pergunto na sala, por exemplo, quantos têm internet em casa? Em geral, a média da metade, por aí... metade, ligeiramente mais ou ligeiramente menos, em torno da metade... Eu reparo que, dessa metade, a maioria não usa a internet... Se metade usasse bem puxado, eu noto que não usa. Me perguntam endereços, eu dou *sites* de busca... não buscam... Então a maioria acaba perdendo a oportunidade de discutir. Por exemplo, a cadeira de Técnicas de Pesquisa em Economia não aproveita o que podia aproveitar, e tal, mas eu diria que a internet dessa metade que não tem e que usa na Universidade, que é uma fila enorme, isso é em todas, não é só na Rural, já vi em outras... Aquela biblioteca nossa, é desatualizada em economia, fraca, fraca mesmo... Então... eu diria assim, primeiramente tem um bloco, que é individual, o sujeito não está motivado, não quer caminhar pela própria perna... Agora, daqueles que têm alguma vontade, eu noto, a biblioteca que é ruim, na verdade tem pouquíssimas bibliotecas boas no Rio, assim, que têm assinaturas de revistas e tal, deve ter umas três, por aí... no Rio todo [suspira]. É... internet falta na Universidade. Agora, por outro lado, é o que te falei: do pessoal que tem internet em casa, a maioria não usa como podia usar... Também acho... a maneira de dar as disciplinas, que é uma discussão que a gente já fez, mas que não avança, pelo próprio limite das estruturas dos cursos”.

Prof. A:

“A maior dificuldade é a dificuldade de escrever, porque estão acostumados muito a fazerem provas, trabalhos. Nas minhas disciplinas eu não cobro trabalho, porque a gente sabe como as coisas funcionam e o trabalho, realmente... São turmas muito cheias, muito grandes, você não tem como ter um acompanhamento muito perto dos alunos em relação à feitura do trabalho, acho que o trabalho fica quase como uma cópia... Então, o aluno não tem essa... não desenvolve isso, não é? A capacidade de escrita mesmo... desenvolver essas coisas, escrever... Então, ele tem muita dificuldade. Ele tem dificuldade para formular um tema, ele tem dificuldade pra escolher uma bibliografia, ele tem dificuldade de escolher o próprio tema... Além disso, tem as dificuldades práticas... é final de curso, não é? Que ele está... geralmente envolvido com estágio, no trabalho, e não tem tempo para isso, e você precisa de um tempo um pouco maior, que não é apenas estudar para uma matéria e fazer a prova, você mesmo tem que elaborar... Isso é que é a parte mais complicada”.

Prof. V:

“Bom, no caso da Rural é acessar os livros, não é? É ter acesso aos livros, às revistas, pois normalmente estão lá no Conselho do Rio, na FGV... Então, a dificuldade maior que encontram é no acesso à bibliografia, aos dados, digamos assim... Mas com a Internet agora melhorou muito, eles procuram os dados, as informações que precisam e nesse aspecto melhorou muito... Mas ainda a distância da Rural atrapalha um pouco, na minha opinião...”

Prof. E:

“Na realidade, é necessário que se prepare o aluno ao longo do curso em iniciação à pesquisa, o desenvolvimento do processo de pesquisa, o desenvolvimento da análise bibliográfica, o desenvolvimento da análise de busca de dados, necessários para a construção de qualquer projeto, a construção... admitindo a monografia como projeto de pesquisa em que ele está envolvido. Na realidade as dificuldades estão na obtenção de dados e, basicamente, na formulação de um projeto. O aluno terá que fazer uma disciplina de iniciação à pesquisa, independente da metodologia da pesquisa, uma iniciação à pesquisa que ensine as bases do estabelecimento de um projeto de pesquisa que tenha como consequência imediata a monografia, e como consequência posterior outros projetos que certamente ele será obrigado a fazer em sua vida profissional”.

Prof. J:

“Eu acho que em parte é a orientação em si. Eu acho que, no caso específico da Rural, o fato de ficar um pouco mais distante é um adicional, pois muitas vezes a pessoa se forma ou termina os créditos, e só falta a monografia, e não tem o estímulo de ir para a Rural só pra fazer a monografia, encontrar o professor. Acho que esse é o primeiro elemento. Muitas vezes, a falta de uma biblioteca adequada, para o aluno fazer sua escolha mais abalizada. Que obviamente, a pessoa quer fazer um trabalho onde possa encontrar matéria, material com uma certa facilidade. Eu acho que, em parte, a disciplina... Na verdade, o auxílio à disciplina dada no Curso de Economia para a monografia seria algo assim ‘capenga’. Das 2710h que o currículo mínimo impõe, a Rural está nesse “nicho” de 2710h, existem duas disciplinas que estão mais ou menos relacionadas a monografia que são: Técnicas de Pesquisa em Economia e a disciplina de Monografia. Sendo que a disciplina de Monografia é uma disciplina de 16 créditos, lá no oitavo período... que conta com uma atividade curricular, mas não existe aula, não existe nada, a pessoa fica ao ‘léu’... Então, eu já havia comentado com algumas pessoas que eu achava que a disciplina de Técnicas de Pesquisa em Economia tinha que ser como, por exemplo, ‘como fazer uma monografia’, ‘como fazer um gráfico’, ‘como fazer uma citação’, ‘como realizar uma mudança de índice’... pois muitas vezes as pessoas trabalham com dados, e não viram isso em estatística: ‘Pôxa, professor como é que eu deflaciono uma série?’... Então, eu acho que a disciplina Técnica de Pesquisa em Economia deveria identificar elementos que são importantes: dados, estatísticas, como fazer isso, como citar, e a disciplina Monografia, eu a princípio dividiria em duas disciplinas: em Monografia 1 e Monografia 2”.

Os professores C. e A. sugerem que a origem dos obstáculos que se colocam ao desenvolvimento da disciplina se encontram nos próprios alunos, pois possui um caráter subjetivo. A maneira como os alunos encaram sua formação universitária e profissional é nessa perspectiva, um pouco displicente. Quando o professor C. aponta para um “certo vale tudo”, coloca que a atitude de muitos alunos perante o conhecimento é vê-lo e percebê-lo como um fardo, e que num último momento podem conseguir cumprir os deveres com a instituição. Um dos indicativos que podem ser depreendidos dessa afirmação, o que será analisado posteriormente, é o grave fato do plágio de monografias.

A importância do desejo como motivação de estruturar um trabalho de pesquisa científica é de fundamental importância na fala do Prof. C., pois pode-se perceber duas classes de alunos:

a) Os que não se interessam pelas propostas da academia, preferindo outras formas de interação social, mais voltadas para o lazer, como festas. Isso nos traz o informativo de que a maioria dos alunos é constituída por jovens que ainda procuram outras atividades no ambiente universitário que não necessariamente a formação profissional ou a pesquisa;

b) Os que buscam se informar e compor um trabalho científico, procuram se preparar como profissionais e crescer como pessoas através do conhecimento.

A partir desse segundo grupo, destaca-se uma dificuldade de ordem técnica e logística: a composição da biblioteca e a existência de uma rede de computadores com internet para os alunos. Essa é uma crítica recorrente que podemos perceber também nos demais entrevistados, mas que ganha um importante significado no comentário feito pelo Prof. C.: a percepção de que a motivação para o trabalho científico é determinante, pois mesmo os alunos que possuem internet em casa dificilmente a utilizam de modo a otimizar seus recursos para o estudo ou para a atividade acadêmica. O entrevistado reconhece que cabe ao professor incentivar os alunos a essa busca e interesse pela pesquisa, mas cabe ao próprio aluno esse interesse, ficando a influência do professor cada vez mais limitada.

A utilização de uma linguagem muitas vezes informal em nada impede a apreciação pelo Prof. C. da problemática referente aos interesses dos alunos seja distorcida ou carecida de fundamentos. Através de sua experiência como consultor do MEC, mais dois aspectos merecem consideração:

a) A defasagem das bibliotecas não é exclusividade do Curso de Ciências Econômicas da UFRRJ. Muitos outros cursos no Estado possuem essa dificuldade, segundo a afirmação do Prof. C.;

b) A disciplina em que foi professor durante muitos anos, Técnicas de Pesquisa em Econômica, é subutilizada, não tanto pelo seu conteúdo ou propostas, mas pela falta de motivação por parte dos próprios alunos.

Além da importância do desejo e da motivação destacados pelo Prof. C., o Prof. A. detecta na dificuldade dos alunos, uma característica técnica e operacional: não estão preparados para escrever e pensar cientificamente, não sabem escolher os temas das futuras monografias, de pensar metodologicamente sobre um tema e desenvolvê-lo como uma pesquisa. Na verdade, a maior dificuldade seria a de trabalhar com uma certa autonomia intelectual, sendo essa a dificuldade que necessitaria de maior reforço por parte do professor, com o intuito de tentar minimizá-la o máximo possível. O Prof. A. aponta uma das possíveis causas, não sendo obviamente a única, para esse estado de coisas: durante toda a sua formação profissional e universitária, o aluno sempre está sendo submetido a provas e trabalhos pequenos, quando muitas vezes sua atividade extracurricular é apenas o próprio estágio ou um curso de extensão. Desta maneira, no último período exige-se do aluno uma autonomia intelectual que não foi construída ao longo do Curso.

O Prof. V. destaca um ponto já mencionado, que traz uma dificuldade de ordem logística: a distância da UFRRJ de outras instituições que dispõem de maiores acervos para a pesquisa, e reforça que a presença da internet é de suma importância para ajudar a equilibrar essa deficiência, pois o aluno teria como buscar maiores informações que completariam as discussões em sala de aula.

O Prof. E. também reconhece essa deficiência e aponta a Monografia como um caminho para gerar no futuro profissional em Ciências Econômicas as

competências necessárias para a profissão. A novidade que pode ser levada em consideração em seu depoimento é o fato de creditar à Monografia os instrumentos de formação profissional tanto para o aluno que pretende trabalhar no mercado como para o estudante que pretende seguir a carreira acadêmica. Na sua concepção, pensar metodologicamente, desenvolver um projeto de maneira individual através da pesquisa, a busca por dados e informações específicas usando o conhecimento adquirido no curso de graduação sobre os fenômenos econômicos são procedimentos de fundamental importância para a carreira do economista, não importando seu campo de atuação.

É nessa contextualização sobre a formação do profissional em economia priorizar um caráter ora mais técnico e econométrico e uma perspectiva mais crítica social, dentro da nossa discussão sobre as dificuldades dos alunos em escrever suas monografias, inclusive os comentários dos docentes sobre os temas mais escolhidos são elucidativas e complementares às respostas acima, destacada os seguintes:

Prof. C.:

“[...] eu não tenho dúvida, do ponto de vista teórico tem a ver com as opções que apareceram e as discussões que eles viram e que eles gostaram mais... Estou notando que tem aparecido nos últimos anos isso... Tem a ver com o quê ? Tanto com alguma pessoa na família que tem empreendimentos e que está passando aperto, como também alguém que quer se estabelecer, que montar um negócio, que é uma realidade muito nossa ...”

Prof. A.:

“Atualmente os alunos buscam os temas mais fáceis! É o aluno que busca, é ... de repente o mestrado, busca... a área acadêmica, aí tem um fôlego um pouco maior, aí pode entrar num tema mais teórico, que é mais árduo, não é mesmo? Quando o aluno não tem esse fôlego, quer se formar o mais rápido possível, ter o diploma, ficar trabalhando já e não perder tempo, a gente até orienta que seja um tema mais brando, um tema de economia brasileira...”

Na resposta fornecida pelo Prof. C., o referencial adotado é de onde partem os temas, que vão prioritariamente das discussões de que os estudantes participam em sala de aula, até sua história familiar, ou mesmo um tema que trazem de um momento que estão vivenciando. Na resposta da Prof. A., a questão dos temas mais escolhidos é enfocada a partir das matérias do currículo de Ciências Econômicas.

Aqui existem duas perspectivas: uma mais global (que na verdade envolve a Ciência Econômica como um todo) e uma mais singular, voltada para a formação profissional particular do economista.

Nesse sentido, é oportuno citar que, na história recente das Ciências Econômicas, existe um movimento que começou com um grupo de estudantes franceses e passou a ser denominado “pós-autismo”. Isto porque, com o avanço da corrente neoliberal e a criação de modelos matemáticos para se explicar os fenômenos econômicos, esse grupo de estudantes, acompanhado por professores, criou um manifesto contra o caráter “autista” da Ciência Econômica na contemporaneidade, que se expressa na tendência de fazer descrições de cenários econômicos inexistentes, previsões irrealistas que tentam abarcar a realidade, mas são apenas modelos estatísticos. Sobre isso, comenta o professor Eleutério Prado (2003), da Fundação de Economia e Administração da Universidade de São Paulo:

Seria aquilo que se segue uma manifestação pós-autista? "Grande parte da recente economia 'matemática' não passa de um emaranhamento, tão impreciso quanto suas hipóteses iniciais, levando os autores a perder de vista, num labirinto de símbolos preciosos e inúteis, as complexidades e interdependências do mundo real".

Seria possível atribuir essa opinião à ingenuidade de alguns estudantes desgarrados do chamado "mainstream" ? Poder-se-ia acusá-la de ser mais uma manifestação da incurável incompetência de algum economista de esquerda. Ora, perceba-se de início que a frase foi escrita há muito tempo, mais precisamente, há cerca de 65 anos atrás. Ela se encontra na obra mais importante de economia política do século XX. É isso mesmo, ela foi escrita por John Maynard Keynes e está na Teoria Geral do Emprego, do Juro e do Dinheiro, de 1936. À rigor, pois, diante de tudo o que veio depois, ela poderia ser considerada uma manifestação pré-autista!

Já os estudantes franceses que criaram o carimbo dizem que querem apenas "adquirir uma compreensão aprofundada dos fenômenos econômicos a que o cidadão de hoje é confrontado". Ora, ora... eis que é exatamente isto o que a teoria econômica contemporânea, assim como o seu braço armado, a econometria, não pode fornecer. Para entender bem o porquê dessa situação, é preciso repassar, ainda que brevemente, a transformação histórica da teoria neoclássica, indo além dela. O autismo, é bom registrar aqui, é um fenômeno do pós-guerra, originado nos Estados Unidos, que se consolida apenas nos últimos 30 anos do século XX, durante a fase neoliberal ou pós-moderna da história do capitalismo (já que a época moderna terminou em 1968). (p.1)

Tomando como exemplo um dos maiores clássicos do pensamento econômico, Keynes, fica evidente a importância atribuída pelos docentes da UFRRJ ao desenvolvimento crítico e ao questionamento permanentemente de sua profissão. Caso contrário, é muito grande o risco de se tornar simplesmente um matemático ou estatístico econômico, sem se importar com as consequências

sociais de sua atividade profissional, ou mesmo colaborar positivamente com o crescimento da sociedade.

Ainda sobre essa questão, o Prof. C, que se alongou em comentar sobre a pós-graduação em Ciências Econômicas, depõe de maneira a confirmar essa tendência à tecnicidade da profissão durante os últimos anos, confirmando que se trata de uma preocupação real e fundamentada sobre a formação dos futuros economistas:

“[...] infelizmente nos últimos anos, uma visão, mais, um *mainstream*, a corrente principal, traduzindo ao pé da letra, vem ganhando força [...] Por exemplo, é sintomático que até uns anos atrás, alguns centros de pós-graduação pelo Brasil afora, na GV, por exemplo, eu tenho certeza [refere-se à Fundação Getúlio Vargas, cuja sigla é FGV], outros eu tenho dúvida, mas no Brasil eu sei de alguns outros, comentavam que preferiam para o mestrado e para o doutorado de Economia, viessem graduados não em Economia, mas de outras áreas, alguma Engenharia, até Física, Matemática, mas nada de Ciências Sociais aplicadas, porque atrapalhava... Atrapalhava justamente porque você não pode problematizar, você tem que aplicar uma determinada regra, determinado modelo, determinado... Tem comer daquela ração e reproduzir igual [...] O pensamento é para poucos, a elaboração ou a problematização e tal [...] Isso hoje é assumido numa boa, sem problema de ‘pegar mal’, não é mais incorreto você falar isso, já se fala numa boa que o melhor é não ter formação de economista e não continuar tendo, só aplicar o modelo porque é muito interessante ver como é que é que as correlações são elegantes, você pode correlacionar uma série de coisas...”

Destacamos essa discussão da teoria econômica para demonstrar que as dificuldades encontradas pelos alunos em suas atividades de conclusão de curso, bem como seus posicionamentos ideológicos, são fruto também dessa discussão que explicita a tensão que a ciência econômica atravessa como um todo. Não aprofundaremos essa questão em específico, mas lembramos que a questão da tecnicidade e a aplicação dessa tecnicidade ao mercado rivaliza com uma perspectiva que muitas vezes prioriza o desenvolvimento do espírito crítico dos profissionais quanto à realidade social e econômica.

As dificuldades encontradas pelos alunos para concluir a monografia indicam, portanto, um caráter inerente aos próprios estudantes, pois sua iniciativa e motivação não estariam voltadas completamente para a atividade científica. Mas existem também dificuldades de ordem logística e física, como a distância da UFRRJ do centro comercial do Estado e seu sistema de informática e biblioteca insuficiente.

Outro indicativo de dificuldade reside na própria estrutura da disciplina Monografia: ela aparece no final do Curso, quando disciplinas precedentes (como Técnicas de Pesquisa em Economia) são subaproveitadas ou não preparam os alunos com os conhecimentos necessários. Este é um questionamento do Prof. J. que em sua experiência de orientação de monografias destaca não muitos não conseguem realizar tarefas consideradas simples para um aluno de Ciências Econômicas em fase de conclusão de curso, como, por exemplo, “deflacionar uma série”.

Esse professor aponta a necessidade dos professores atenderem melhor os alunos, discutindo com os mesmos uma harmonia de horários, pois Monografia é uma disciplina de 16 créditos, mas sem tempo semanal estabelecido. O aluno muitas vezes fica na Universidade, que é distante, como já foi apontado, somente para ser orientado pelo professor; e, como já concluiu seus créditos, não desenvolve mais nenhuma atividade na Universidade. Essa realidade precisa ser analisada e reformulada, na visão deste professor.

3.3.3

Perspectivas e alternativas à Monografia como trabalho de conclusão de curso

Apresenta-se nessa etapa da análise das entrevistas, os comentários e explicações dos professores sobre como a disciplina Monografia para Economistas vem sendo lecionada e, principalmente, baseados em sua experiência docente, que alternativas visualizam para uma transformação da conjuntura curricular.

Seguem abaixo os trechos referentes a essa temática, que constitui o terceiro grupo de questões do roteiro de entrevistas, conforme enunciado pelos docentes do Departamento de Ciências Econômicas da UFRRJ:

Prof. C.:

“Agora, infelizmente, nos últimos tempos, tenho pensado, que para alguns alunos.. que estão trabalhando, fazem estágio, trainee, sei lá... que podia ter uma alternativa... Por quê?... Esses alunos não têm vocação, não têm vontade, não têm tempo, não tem... enfim... uma coisa bem aplicada num trabalho qualquer. Então, que os professores tivessem... Mas que não fosse obrigatória a monografia,

porque o que eu vejo, rodando pelo Brasil aí, vendo esses cursos, que em muitos desses cursos pelo Brasil afora a coisa é precária demais, entendeu? Mera repetição, mera descrição, quando não é cópia mesmo... e colagem... Então, para o aluno que não tem vontade, não tem a motivação, um estágio numa pequena empresa ou numa organização de qualquer tipo, seja uma ONG, uma ação, um projeto da prefeitura, que ele faça alguma coisa... descritiva mesmo, assumidamente descritiva mesmo, um relatório da atuação dele, do que é aquela organização, do que que se pretende! Quer dizer, hoje, em função do que eu tenho visto esses anos todos, estou menos exigente, no sentido de que não acho mais que todos têm que fazer uma monografia, como iniciação de uma coisa científica, de pesquisa e tal. Acho que para alguns, em função da realidade mesmo, tem que ser um relatório. Não um relatório executivo, de uma página ou duas, não... apresentando o contexto do trabalho, que é a organização, que se quer ali e tal... Escrevendo uma coisa, evidentemente mais modesta que uma monografia. Tem que se ceder a essa realidade... É isso”.

Prof. A.:

“Olha, eu acho que ela é válida por tudo que eu falei até agora... Eu acho que é um coroamento do Curso... Agora: ela tem que ser cobrada de forma diferente. Acho que a gente [professores], até mesmo como a gente fez aqui na Instituição, não foi implementada ainda, mas já está pronta, só falta implementar, ela não contemplou essa alteração na área de monografia, mas acho que tem que ser alterada... A gente tem que fazer funcionar a disciplina Técnica de Pesquisa em Economia, acoplada à disciplina de Monografia, e exigir realmente dos alunos, como se fosse uma disciplina mesmo... como se fosse um trabalho que ele realmente tem que fazer, tem que fazer com qualidade e com orientação. Então, acho que em vez de distingui-la, acho que... Não é um curso de administração que você faz estágio, e substitui. Acho que não é por aí. Você tem que ter uma defesa com a monografia, só que de forma... eu acho que ela deve ser trabalhada de melhor forma, para que você realmente consiga ter a monografia como um coroamento... Na minha época eu fiz monografia... não foi fácil, eu tive seis meses, no mínimo, pesquisando; também, era um trabalho de iniciação científica, ou seja, era um trabalho que eu tinha que mandar para o CNPq, mas foi um trabalho que eu fiz, um trabalho árduo... foi um trabalho bom, entendeu? Foi um trabalho de pesquisa, realmente, eu fiz pesquisa bibliográfica, eu escrevi, foi um trabalho escrito por mim, entendeu? Tive orientação, não tive uma orientação muito detida, mas... tive orientação e respondi... eu acho que é dessa forma, acho que para mim tem que ser assim”.

Prof. V.:

“Olha, eu por mim, sinceramente, não mudaria como ela está não... Eu acho que a monografia é um estudo de caso, é um estudo de um tema escolhido pelos estudantes livremente, de acordo com sua aptidão, seus gostos e seus interesses... e os estudantes fazem com orientação. O professor dá a orientação bibliográfica, orienta alguma coisa assim em termos de como procurar os dados, as fontes de informação... Mas, no geral, deve ser como está mesmo: a cargo dos estudantes, com a orientação de um professor e fazer um trabalho de final de curso. Por mim não mudaria em sua essência, não...”.

Prof. E.:

“O preparo de organização da disciplina Monografia para Economistas, envolve naturalmente que haja, uma Monografia 1 e 2, conforme a casa [a instituição] como ela se estrutura, mas que dê margem para o aluno encontrar, não simplesmente no final do curso preparar um trabalho... Assim, ele [o aluno] tem a mentalidade de que é mais um trabalho, e talvez mais uma cópia de internet, lamentavelmente... Não! [...] Ele, com uma disciplina voltada em dois períodos, cria um processo de pesquisa, é ensinado a ele, em que definirá a escolha e delimitação do tema, e daí desenvolverá com o acompanhamento de um professor orientador. Quer dizer, num período ele prepara o projeto, no período posterior ele passa acompanhado de um professor que passa a ser o orientador, ele desenvolve o processo do projeto pretendido transformando-o num trabalho de importância, não só acadêmica, mas de estruturação para sua vida profissional. Na realidade, é preciso ver, pois essa é a alternativa mais usual, porque o aluno preparar sem orientador, ou com um orientador imaginário... para não dizer outra coisa... E não desenvolve aquilo dentro da cadência de um projeto devidamente equacionado, a monografia é um trabalho a mais, é um trabalho em casa, em que ele não vai saber defender... Defender já é um outro capítulo que deveria ser mencionado aqui, que é uma maneira de apresentar publicamente, de aprender a desenvolver idéias publicamente e até levar a assistência a entender e aceitar as posições técnicas que ele esteja apresentando no seu projeto”.

Prof. J.:

“Essa não é uma discussão nova; quando nós começamos a fazer a primeira reformulação curricular, em 1990, já estava presente, e passaram aproximadamente quinze anos e estamos vendo que é uma discussão que ainda está presente... Mas a discussão que acho que saiu aí da Rural e ganhou uma notoriedade maior, nos fóruns adequados como na ANGE, na própria ANPEC, nos Conselhos Regionais, no SINCE, que é o Simpósio Nacional dos Conselhos de Economia, ou seja, essa questão do currículo e da monografia, é uma questão que está muito forte, e para te ser sincero eu acho que nem um extremo nem o outro é a solução ideal. Nem ‘ripar’ (acabar) com a monografia, nem fazer a monografia obrigatória, acho que meio termo é que é ideal, um trabalho de conclusão de curso onde seja válido o estágio supervisionado, onde seja feita também a monografia, e onde as pessoas possam optar por aquela atividade que está mais afeita à sua aptidão. Ou seja, se a pessoa quer fazer um mestrado, um doutorado, que escolha a monografia, porque eu acho que é um ritual válido... Agora, a pessoa que quer trabalhar? Que ela faça um estágio, que também é um ritual válido, a pessoa necessita estagiar, completar tarefas, eu acho que a monografia dificulta a vida dessa pessoa... E se pessoa estagia e tem que fazer a monografia, eu acho que ela não faz a monografia que se esperava que fosse feita... Então, minha consideração final é essa, eu acho que é uma discussão muito importante, que transcende a Rural, mas abrange o curso de Economia como um todo, e eu acho que a solução seria um meio termo, não tão rígido quanto a exigência da monografia, nem com uma abolição da monografia pelo estágio, acho que deveria ser um meio termo de um trabalho de conclusão de curso onde as pessoas fariam suas escolhas”.

Segundo se observa na exposição do Prof. C., quem trabalha e realiza um estágio supervisionado não necessitaria fazer uma monografia por já estar imerso numa série de atividades, ficando difícil conciliar com a atividade de pesquisa

necessária para o desenvolvimento de uma monografia. Nesse sentido, sugere que essa pessoa faça um relatório sobre a atividade profissional que está realizando no momento. Assim, mesmo estando ligado diretamente ao mercado, o aluno pode desenvolver uma atividade que depende da análise, do pensamento crítico e da reflexão, características desenvolvidas de maneira mais plena na disciplina Monografia para Economistas.

O Prof. A. na sua perspectiva sobre a disciplina, entende que não devem ocorrer grandes alterações, pois ao seu ver a disciplina é um “coroamento do curso”; e descreve sua experiência pessoal como forma de reforçar sua visão de que a economia é uma ciência, exige análise e pesquisa, e para contemplar as diversas disciplinas que o graduando viu durante o Curso, a monografia como trabalho de pesquisa é a atividade mais indicada.

A Economia possui como uma de suas fundações epistemológicas o uso da capacidade crítica e reflexiva para a utilização das metodologias científicas necessárias para a compreensão do fenômeno econômico em sua complexidade, como nos afirma José Paschoal Rossetti²⁰ (1978):

Assim entendido, os princípios, as teorias, as leis e os modelos econômicos referem-se, essencialmente, à representações e à interpretação da realidade. São generalizações ou constatações de regularidades concernentes aos agentes econômicos. Um modelo, por exemplo, é um quadro simplificado da realidade, uma generalização abstrata de como certos processos realmente ocorrem. Para sua concepção, os economistas recorrem aos princípios que presidem à ocorrência dos fatos e às teorias subjacentes, aos processos que estarão sendo representados; recorrem, ainda, às leis que explicam as inter-relações entre as variáveis econômicas em consideração, procurando conjugar num só elemento todas as hipóteses relativas aos mecanismos que governam a realidade. (p.42)

E nessa direção temos a confirmação por parte do Prof. V, que, como atual coordenador do Curso de Graduação em Ciências Econômicas, reforça que a Monografia como está sendo lecionada, é, sem dúvida, o melhor instrumento para a conclusão do Curso e para a formação profissional.

Complementando essa visão, encontramos em Ruiz (citado por Santos,2000):

---

²⁰ O autor já citado anteriormente, é autor do livro “Introdução à Economia” um dos livros mais conhecidos e utilizados como referência em muitos cursos de Economia pelo País.

Não imagine o universitário que ele seja um simples estudante e não um cientista; que, em decorrência disso não precisa conhecer a metodologia da pesquisa científica; que em seus trabalhos não terá, portanto, pretensão de realizar a pesquisa científica. Não são poucos os universitários que se acomodam à sombra desse sofisma. É bem verdade que o estudante universitário não é aquele cientista, já formado, já amadurecido, já experimentado e integrado numa equipe de pesquisadores, que trabalham nos grandes templos da ciência, movidos pelo objetivo da descoberta capaz de aumentar o conhecimento e o domínio do universo por parte da humanidade. Os recursos desses cientistas, suas condições de trabalho, o porte e a relevância de suas pesquisas, que visam o avanço da ciência e ao progresso da humanidade, tornam, de fato, a sociedade dos cientistas distinta da classe dos estudantes. Os estudantes universitários treinam passos no caminho da ciência. Isto é verdade. Mas, para treinar passos no caminho da ciência, devem imbuir-se não só de espírito científico e de mentalidade científica, mas também instrumentalizar-se e habilitar-se a trabalhar em critérios de ciência. Devem, ainda, estar em condições de realizar trabalhos de pesquisa que lhes forem gradativamente solicitados, de acordo com as normas da metodologia científica. (p:22)

Quanto às alternativas ao trabalho monográfico, os professores A. e V. optam pela monografia da maneira como está sendo atualmente desenvolvida no Departamento de Ciências Econômicas da UFRRJ, pois acreditam que a formação em pesquisa é fundamental tanto para o aluno universitário quanto para o profissional crítico que deve ser o economista.

O Prof. E. sugere duas disciplinas Monografia 1 e 2 para realizar o trabalho de conclusão de curso. Assim o aluno teria maior tempo para desenvolver sua pesquisa, fundamentando seus trabalhos de coleta de dados, de bibliografia e redação.

Vale destacar o fato de a Monografia ser um trabalho em que o futuro economista precisa defender oralmente sua pesquisa perante uma banca composta por economistas, em um ato público. Este é um aspecto que deve ser levado em consideração, pois muitas vezes o economista precisa expor seus argumentos e conclusões para um público muitas vezes composto por não economistas, sendo de fundamental importância para o aluno, por exercitar essa competência de exposição oral como um requisito indispensável para sua formação profissional.

Dentre as sugestões apresentadas, a que mais se estende por propostas e alterações ao atual cenário da disciplina é a do Prof. J, que acaba “incorporando” em sua análise sugestões já apontadas por seus colegas de docência. Com sua experiência de docente e de profissional do mercado de trabalho, sugere o estabelecimento de um trabalho de final de curso na graduação em Ciências Econômicas.

Nas respostas à sexta pergunta do roteiro de entrevista é aprofundada a questão da formação profissional e da perspectiva de a ciência econômica trabalhar com aspectos quantitativos (matemáticos) tanto na compreensão dos fenômenos econômicos como a partir das mesmas ferramentas para desenvolver políticas de intervenção nessa realidade que busca compreender, intervindo e transformando a sociedade em que está inserido.

Seguindo essa mensuração da ciência econômica, e não ignorando sua relevância e responsabilidade na vida social, surge o aspecto de reflexão e crítica em cima de sua própria prática profissional, bem como o uso dos instrumentos de pesquisa mais históricos e voltados para a compreensão das realidades econômicas a partir de uma perspectiva mais relacionada a outros campos da vida social, como a política, na complexidade de seus estudos. Nesse sentido, essa questão foca essa tensão em que o profissional em economia busca realizar seu trabalho científico e profissional.

Realmente, nessa questão os professores não negam a importância da disciplina, mas questionam a maneira como a mesma está sendo lecionada. Na visão do prof. C, isso é fruto das próprias contingências institucionais, como o fato de os alunos terem ou preferirem estágios no último período, ou estarem trabalhando²¹.

O Prof. A, embora aponte sugestões, foi um dos responsáveis²² pelas mudanças mais recentes da grade curricular; mudanças essas que não alteraram em nada essa disciplina. É importante esclarecer alguns aspectos da resposta que nos forneceu quando analisou as dificuldades encontradas pelos alunos para concluir a Monografia (verseção 3.3.2). Quando menciona *temas mais fáceis* refere-se a temas da disciplina “Economia Brasileira” de um modo geral, como “O Período Inflacionário da era Collor” ou “O surto desenvolvimentista do governo JK relativo as exportações”, ou seja, um tema de um período histórico da economia brasileira. Outro exemplo são estudos de caso recentes e localizados, como estudos comparativos ou descritivos de um fenômeno econômico: o

---

²¹ Segundo o COFECON, no cenário nacional temos: Trabalho na Graduação - A maioria dos profissionais teve que trabalhar em horário integral durante a maior parte do cursos (57,4%). Um contingente bem menor, porém expressivo, (18,1%) trabalhou em horário parcial durante a maior parte do curso. 12,8% trabalharam em horário parcial durante parte do curso e 5,6% em horário integral durante parte do curso. Apenas 6,1% não precisaram trabalhar durante o curso de graduação.

²² Coordenadora da Equipe de Reformulação Curricular.

crescimento da economia informal na Baixada Fluminense ou a fusão de empresas do ramo de bebidas, por exemplo. Estes são considerados temas mais fáceis, pois podem ser consultados sem dificuldades em uma bibliografia pertinente e possuem, geralmente, ampla divulgação na mídia, facilitando o trabalho dos discentes que dispõem de menos tempo, que constituem, segundo a professora, a maioria.

A referência *a temas mais difíceis*, para os quais somente tem “fôlego” um aluno que pretende ir para o mestrado, propicia duas leituras. Uma, que supõe que esse aluno tenha maior bagagem teórica, por querer seguir uma carreira acadêmica; provavelmente já foi aluno com iniciação científica, aproveitará o tema para sua monografia, e se aplica mais ao trabalho teórico e acadêmico de pesquisa. A segunda leitura é, que para esse perfil de aluno, temos a escolha de temas mais abstratos das Ciências Econômicas e de disciplinas consideradas mais difíceis, como por exemplo estudos que envolvem o uso de estatística ou no campo da microeconomia e da macroeconomia.

É oportuno lembrar que a pesquisa feita pelo COFECON (ANEXO XIII), já mencionada na seção 2.4.3, registrada o baixíssimo percentual de economistas que buscam a carreira acadêmica: 6,3% dos profissionais completaram o mestrado, e 1,7% o doutorado. Com isso, a perspectiva do CORECON-RJ de substituir a Monografia pelo Estágio encontra nesses dados estatísticos de ordem nacional, um indicativo bastante forte da tendência de fortalecer o caráter técnico do curso de Ciências Econômicas em detrimento do caráter científico voltado para a pesquisa: a maioria esmagadora de profissionais (92%) que escolhe especializações para uma melhor colocação no mercado de trabalho.

3.3.4 Outras questões abordadas nas entrevistas

Nessa seção são apresentados tópicos que surgiram espontaneamente nas entrevistas, mas foram abordados de maneira pertinente e enriquecedora pelos entrevistados. Consideramos relevante registrar essas contribuições, que interessam ao debate sobre as possíveis modificações curriculares dos cursos de graduação em Ciências Econômicas.

Prof. C:

“Não é nem o caso nosso, mas já andei pelo Brasil em comissão do MEC. Pelo curso de Economia, são situações bem diferentes: Rondônia, São Paulo e tal... Tem curso de Economia dado, basicamente todo ele, todo em cima de um manual, um semestre de uma disciplina, um manual, pronto. Ou seja, não tem problematização, entendeu? No manual tudo é pasteurizado, tudo é muito claro, é aquela coisa de superfície... Quer dizer, a água não nasce das torneiras? Quem vê a água sair das torneiras, pensa que a água está saindo dali, rola muita coisa até se chegar na torneira. Então, nosso caso não é esse, dos manuais, mas eu reparo que existe uma dificuldade de fazer uma coisa própria. Esse é o problema da educação em geral [...] Mas que não fosse obrigatória a monografia, porque o que eu vejo rodando pelo Brasil aí, vendo esses cursos, que em muitos desses cursos, pelo Brasil afora, a coisa é precária demais, entendeu? Mera repetição...”

Prof. J:

“Como falei para você, eu participei, durante um tempo fui até diretor da ANGE (Associação Nacional de Graduação em Economia) logo depois que eu voltei do Canadá, no período 97,99 e a gente nota que existem várias realidades no curso de Economia. Nós temos cursos de Economia como os da PUC, da UFRJ, da UFF onde o curso é numa grande cidade, tem acesso fácil a biblioteca, dentro do próprio curso e fora do próprio curso, mas a grande realidade é que existe uma grande infinidade de cursos particulares, onde as pessoas não têm condição de fazer monografia.”

Prof. V:

“... então espero que esteja saindo a contento essa proposta de flexibilização que está saindo aí pelo País, sem tirar muito da base do curso, sem mexer no tronco, mas ao mesmo tempo se permitindo que se estude mais aquilo que for importante para as instituições, para a localidade de cada instituição...”

Estes recortes nos permitem uma leitura voltada para a necessidade de contextualização das transformações curriculares, pois as medidas e estatutos, se adotados, têm que se adaptar à realidade específica de uma região, e mesmo de uma necessidade institucional. Já vimos que a defasagem da biblioteca e a distância da UFRRJ do centro comercial foram apontadas pelos docentes como obstáculos ao pleno desenvolvimento da atividade de pesquisa pelos alunos, para elaboração da monografia. Essa observação é importante, porque permite problematizar a questão das dificuldades que atravessam a monografia como foi concebida (desenvolver a atividade de pesquisa e o senso crítico do futuro economista) para o foco das instituições de ensino, pois nem todas teriam o suporte necessário para a manutenção dessa atividade.

3.4 A perspectiva do CORECON-RJ

A entrevista realizada com o economista e professor Rafael Vieira, que neste estudo representou o CORECON-RJ, proporcionou informações não somente sobre as transformações do currículo de Ciências Econômicas, mas também uma visão panorâmica do profissional em Economia no Estado do Rio de Janeiro, na atualidade. Temos o início com o trecho:

“Veja, a relação ‘monografia e estágio’ ela é relativamente ‘blindada’ em alguns aspectos, por conta de condições que a própria monografia traz para o aluno com o intuito de formá-lo, e do distanciamento da formação própria acadêmica, ou técnico-acadêmica, que o estágio obsta o aluno de conhecer... Então, o que ocorre no caso do Rio de Janeiro, um pouco a nível de Brasil até, para se falar de monografia de uma forma geral, é um tipo de assunto, hoje, na discussão do ensino de Economia, que é um pouco ‘blindado’. Por que blindado? Porque é algo que está sendo discutido, tem um viés um pouco mais mercadológico, você discute a questão do estágio, que o estágio gera condições do aluno interpretar a realidade que a sala de aula não traz... Por outro lado, o estágio também distancia o aluno de certas práticas que só uma formação acadêmica oferece que são necessárias para sua formação enquanto analista, enquanto um estudioso de determinadas condições ou aspectos do mercado brasileiro, e isso é muito composto pela geração de pesquisa, e a monografia traduz essencialmente essa formação. Os Conselhos vem discutindo isso há um certo tempo, há dez anos, se não me falha a memória...”

Temos nesse trecho da entrevista os aspectos que consideramos os mais norteadores para nossa discussão:

- 1) A relação da monografia com o estágio, estabelecendo a tensão que existe entre ambos no sentido das contribuições que proporcionam ao profissional em Economia;
- 2) A influência do mercado de trabalho, principalmente no Rio de Janeiro, na formação do economista.

Continuando seu depoimento, Rafael Vieira afirma:

“Hoje, o que se pensa em relação a isso é que existe um cenário para se estudar a adequação do currículo de Economia, àquele “núcleo duro” a macro, a micro, estudos mais específicos, etc, mas que não se distancie da ‘lógica de vida’, pois os estudantes necessitam dessa relação, dessa visão de universidade/mercado e mercado/universidade. A experiência de estágio, de participação em projetos mais aplicados à realidade social e econômica nos mostra isso, mas engana-se aquele profissional, aquele analista que diz o seguinte: que o estágio é muito mais

proveitoso do ponto de vista da experiência acumulada, do acúmulo... que propriamente a monografia. A meu juízo, creio que não. A monografia pode somar, e o faz porque exige do graduando a sua busca por dados e informações. Dada a orientação do trabalho, permite ao aluno essa busca de dados e informações, a análise conjunta da realidade do mercado, do objeto de estudo que quer analisar e de como ele desenha ou redesenha cenários nessas relações de produção acadêmica e de pesquisa que é o seu trabalho monográfico. A ANGE e o COFECON estão ainda no viés do estudo, ainda na tendência do que será determinado, por isso eu digo que é ainda um assunto um pouco ‘blindado’, onde as discussões acontecem mais no ‘interior’ dos Conselhos, é muito nesse sentido”.

É importante essa perspectiva do CORECON-RJ, pois promove uma descrição do mercado de trabalho em que atuam os economistas no próprio Estado do Rio de Janeiro e como foi analisado nas entrevistas dos docentes sobre a formação do profissional em Economia, a contextualização é de suma importância e deve ser levada em consideração.

De acordo com as declarações feitas pelos professores, cada curso de Ciências Econômicas possui sua própria realidade; mesmo no Estado do Rio de Janeiro existem cursos com realidades sociais e econômicas diferentes, isso no que diz respeito às instituições, a seus alunos e professores. O mercado de trabalho é o lugar onde as forças de demanda e oferta se encontram; não é o lugar para “formação”, e sim de competição e atuação, onde se dá a grande dinâmica da economia. Como podemos perceber na fala do nosso entrevistado:

“O Rio de Janeiro é a megalópole que é, misto de uma série de construções de trabalho; e a Economia, assim como o profissional de economia, tem suas adequações. O que se percebe hoje é que o mercado acaba apresentando certas tendências de alocação de profissionais, como é o caso do meio ambiente, da economia social e do trabalho, como é o caso da economia industrial, como é o caso da economia no turismo, economia do setor público. Você acaba gerando alguns ‘nichos’ específicos, que acabam adequando mesmo [o economista]... E isso é um cenário Brasil; na verdade, o mundo está um pouco assim... E também o viés da associação, o próprio aluno em economia acaba tendo uma base contábil, ou adquirindo uma base gestora, administrativa, e que o mercado vem absorvendo cada vez mais... Então, o que se vê no caso do Rio de Janeiro por exemplo, nessa coisa muito macunaíma que é o Rio de Janeiro (macunaíma no sentido do trabalho, também), é tudo muito misturado, a gente acaba fazendo outras coisas, não digo invadir áreas de conhecimento, mas utilizar esse conhecimento para lidar junto. O profissional de Economia no Rio de Janeiro acaba sendo um profissional plural por exigência do mercado, não que isso aconteça diretamente na formação...”

É nesse sentido que é impossível dissociar a formação profissional da própria atuação profissional. Pode parecer redundante, ou até mesmo simplista a

primeira afirmação, mas o que acontece é que percebe-se durante a análise das entrevistas dos docentes que a busca dos alunos pelo estágio poderia ser interpretada como uma forma de se inserirem no mercado de trabalho, e muitos ainda possuem a visão da monografia como algo que só faz sentido para uma vida profissional puramente acadêmica. Essa dicotomia de percepção para esse fenômeno não passa despercebida do CORECON-RJ:

“A monografia continua sendo um instrumento capaz de formar o aluno graduando de Economia nessa tendência de associar técnica à teoria, ou como diz o mercado, ‘a realidade a vida acadêmica’. Porque alguns pensam que a vida acadêmica não é a vida real, o que é um erro absoluto. A vida acadêmica quer de fato estabelecer que, na vida real, determinadas posturas devem ser tomadas, e a universidade é esse espaço muito plural, mas bastante homogêneo no sentido da formação, de priorizar a formação do profissional em economia numa linha. O aluno não é obrigado a fazer tudo, nas áreas específicas de formação, mas não dá para determinar que tão somente o estágio, tão somente a monografia sejam capazes de estabelecer essa condição e até parece que estou me contradizendo mas não é não! Muitos no mercado associam o estágio a uma prática única e absoluta de formação, ‘Ah! Você vai aplicar o que aprendeu na prática!’. Isto, quando se trata de finanças, auditoria, etc, é óbvio. Agora, quando se trata de estudos de avaliação de dados, de formação para estabelecer comentários para modificar determinadas estruturas ou formas de gestão empresarial, isso você não vê numa prática!”

O entrevistado continua, destacando que existe uma vinculação entre as monografias e os temas a serem desenvolvidos, enquanto trabalhos de pesquisa e a situação econômica vivida no País. A escolha de temas é freqüentemente influenciada, mas não determinada absolutamente, pelos acontecimentos mais debatidos nos jornais, veículos de comunicação em geral, e mesmo na própria academia. Alguns exemplos que fundamentam essa relação:

“[...] a influência acontece de fato, porque nós sempre tentamos acompanhar o ritmo um pouco do cenário. É uma adaptação keynesiana, não é? Muda o cenário, muda a avaliação... E é bem assim mesmo, não dá para fugir... E as monografias, muitas são, não posso criar ou citar uma tendência, mas discutir o setor público, dado o cenário que o setor público vem apresentando no momento, a idéia de desenvolvimento econômico, desenvolvimento regional, a idéia de economia social e do trabalho, economia do petróleo, se você gera barreiras na entrada ou não. Na verdade, a atividade que está acontecendo no setor por conta de uma determinação legal que vem acontecendo no governo, quando você quebra um monopólio, enfim, ou outras dinâmicas próprias... Essa questão do petróleo é um exemplo! E a questão do setor público, outro! Levantar estudos em níveis de graduação, dentro da discussão de política fiscal, a idéia de diversificar o que é tributável no País, no sentido de verificar a dinâmica econômica com o objetivo de gerar postos de trabalho, um estudo sobre uma dinamização do processo de crescimento comércio-indústria, por exemplo. E então, algumas monografias têm apresentado um perfil de estudo, não diria a você que são mais relevantes, mas têm seu grau de importância ao contribuírem para algo que está em ‘tela’,

contribuírem de forma mais expressiva. Como, por exemplo, era a discussão nos anos 90 da economia do trabalho, no Brasil todo e na Europa, era acometido por uma taxa de desemprego elevadíssima, e aí a discussão de postos de trabalho era inerente; anos 90, a ‘década quase-perdida’, e no Rio de Janeiro produziram muita monografia nesse tema: a UFF, a UERJ, a própria Rural, o Instituto Metodista Benett, a Santa Úrsula, a Estácio, o curso de Economia que tem lá, que discutia isso de uma maneira muito atual, porque era um pouco a ‘bossa’, e aí as monografias acabavam acompanhando um pouco. As premiações não dão diretamente ‘mais valor’ a isso, mas isso pesa numa avaliação mais *scripto sensu* [...] isso pesa um pouco porque contribuí para um cenário mais atual. O prêmio de monografia do CORECON-RJ por exemplo, foi uma discussão sobre *royalties* de petróleo, e assim segue...”

Assim, a partir dessa análise é aprofundada a questão da prática do economista na atualidade e sua relação com a própria universidade, levando-se em consideração as necessidades do mercado de trabalho, cada vez mais competitivo e com menos postos de atuação.

Recentemente, em entrevista ao *Jornal dos Economistas*²³ (a publicação oficial do CORECON-RJ), o economista João Paulo de Almeida Magalhães, eleito pelo COFECON a Personalidade Econômica do Ano de 2005 e professor da UFRJ, fez a seguinte declaração:

“ **JE** – Naquela entrevista, o senhor falou que o país não suportaria uma nova década perdida e traçou um quadro macroeconômico grave (dívida interna equivalente a 60% do PIB, juros altíssimos e necessidade da criação de 1,5 milhão de empregos por ano). Mudou alguma coisa neste quadro?

João Paulo – O pior é que estamos ca-mi-nhando a largos passos para essa nova década perdida. Ela só será evitada se o próximo governo adotar estratégia econômica co-ra-josamente desenvolvimentista, o que significa não poder o próximo presidente da República ser o atual, nem qualquer outro ligado ao governo do seu antecessor.

Os cálculos mais otimistas afirmam que, apenas para absorver a mão-de-obra nova que se apresenta anualmente ao mercado (algo em torno a 1,5 milhão de trabalhadores) o PIB deve estar se expandindo na média de 4% ao ano. Nos últimos vinte cinco anos, o incremento do PIB brasileiro foi de pouco mais da metade dessa percentagem. Como o atual governo manteve a mesma política neoliberal, essa situação não deve ser alterada.

Cálculo elementar mostra que nas últimas duas décadas e meia acumulamos, no Brasil, 8,5 milhões de desempregados, sub-empregados e ocupados no setor informal. E esse número está se elevando em cerca de 700 mil por ano. Tal fato, enquanto se reflete no aumento da população de rua, na elevada criminalidade e crescente insatisfação social de nossas grandes metrópoles, está nos conduzindo rapidamente ao caos econômico e social. Que só será evitado se o próximo presidente da República se dispuser a adotar no país estratégia econômica radicalmente diferente da atual”.

²³ http://www.corecon-rj.org.br/entrev_det.asp?Id_ent=8

Essa descrição do quadro macroeconômico que estamos vivendo atualmente só reflete um cenário completamente diferente do vivido na década de 1970, onde, segundo o relato do Prof. C., os profissionais em economia conseguiam ofertas de trabalho muitas vezes antes de concluírem a graduação (como aconteceu em sua própria trajetória profissional).

A pluralidade de atuação do economista deve ser explorada como um fator que potencialize sua competitividade no mercado de trabalho. O Rio de Janeiro possui “nichos” específicos de atuação. Nesse sentido, o economista Rafael Vieira aprofunda a questão:

“A idéia de adequação do profissional de Economia, quer seja o economiário, o profissional de bancos, quer seja o economista como analista de empresas, o consultor empresarial, quer seja o docente economista, que faz análise de cenário e atua com pesquisa, ou quer o economista que trabalhe com finanças, o economista financista, essas influências permeiam a formação do economista, do graduando em Economia que deixa a universidade desde esse período recente, cinco ou seis anos, porque o mercado está exigindo, a necessidade de trabalho acaba exigindo do graduando de Economia essa busca por uma realidade mais prática. Fica estabelecido no mercado de trabalho, então... ele acaba tomando, por si, o acúmulo em áreas como perícia financeira, como gestão empresarial, em áreas como, não seguindo modismo, mas a economia do turismo, do meio ambiente, isto te dá pigmentos que prosperam num momento de *boom*, e em sua retração num momento outro, como a economia do petróleo, da indústria do petróleo. E qual é o viés da formação do aluno, então? O graduando de Economia, o profissional de Economia, hoje, no Rio de Janeiro, apresenta uma pluralidade na sua atuação nesse mercado. Claro que, por conta dessa pluralidade, ele acaba esbarrando em carreiras como o analista contábil, o administrador, o engenheiro de produção, por exemplo. E a necessidade que o profissional de Economia tem é de gerar, como qualquer profissional, o acúmulo cada vez mais contínuo de determinadas etapas, de determinadas funções que o mercado exige, e estas funções é que vão estabelecer que ele permaneça no mercado de trabalho, a necessidade de acúmulo como o mercado financeiro, por exemplo, comércio exterior, uma dinâmica que necessita cada vez mais da atuação do profissional em economia são as relações internacionais. Isto, sem dúvida alguma, apresentou uma adequação do profissional de Economia para que este permaneça no mercado, competindo com uma série de outros funcionários, mas exigindo do profissional de Economia uma absorção desse tipo de conhecimento. O que não tem uma necessidade absoluta, o que não cabe numa necessidade absoluta, na sua formação... Não que não caiba, quero aqui me redimir do que eu disse. Algumas instituições não formam com esse perfil”.

E cita um exemplo de ordem prática, referente ao mundo do trabalho e suas limitações para o desenvolvimento da capacidade de análise dos economistas:

“Que a mudança de gestão empresarial faz parte da estrutura interna da empresa, do seu microambiente, não vai ser o aluno que estava de estágio no setor tal que vai chegar para o diretor e dizer: ‘Olha, sua empresa tem um problema de caixa por causa de um uso intensivo em tecnologia, e isso prejudica o fluxo de caixa de maneira geral nos exercícios anuais; você deve reduzir em 10%, que...’ Não, não é assim... O estudo técnico acadêmico traduz isso de uma forma mais absoluta e transparente...”

Então, a visão que a Monografia é uma disciplina só com uma perspectiva acadêmica não é a que possui o CORECON-RJ. A Monografia seria o espaço dentro da universidade onde a capacidade crítica não apenas serviria para compreender e interpretar muitos dos fenômenos sociais, mas de avaliação de fenômenos econômicos específicos e particulares dentro de áreas da própria economia, como a macro e a microeconomia.

O CORECON-RJ, assim, então prioriza uma formação mais coerente com as demandas do mercado por profissionais capacitados para responderem a essas mesmas demandas, como podemos ver na parte final da entrevista de Rafael Vieira:

“O CORECON-RJ quer ser culpado do êxito dos profissionais que estão sendo formados, que por aqui passam, quando entende-se que a oferta de cursos e vagas, como o da ANPEC²⁴, como cursos *ad hoc* como Economia Política à luz de Marx, globalização financeira, etc e outros. Nós queremos ser culpado do êxito na formação desses profissionais, a idéia de dar uma ‘consertada’ para garantir essa homogeneização que tanto o mercado exige. Não que queiramos dar respostas ao mercado, mas é porque entendemos que a formação do profissional em Economia exige essas condições, e é esse o propósito dessa Comissão de Relações com as Instituições Acadêmicas, e é esse o propósito da ação do CORECON-RJ na formação do profissional em Economia, do economista”.

Dessa maneira, a Monografia é encarada como uma disciplina muito importante na formação profissional do economista. Embora existam documentos que apontam na direção de deixá-la como uma matéria alternativa, ou mesmo propor sua substituição pelo estágio obrigatório, ainda estão em fase de estudo e não foram homologados, como foi descrito no Capítulo 2 desta dissertação.

---

²⁴ Associação Nacional de Pós-Graduação em Economia.